

MÃE ANTIFRÁGIL: A HABILIDADE DE PROSPERAR E CRESCER EM RESPOSTA AO CAOS E ÀS DIFICULDADES DA VIDA

Kuester, R. (2024). Mãe antifrágil: Como a maternidade atípica me transformou em uma líder de alta performance. RITA KUESTER: Cotia, SP.

HELENA MAFFEI
CRUZ ¹

A coragem não é a ausência de medo, muito menos viver imune às incertezas e às dores da vida. Ela nasce da disposição de seguir em frente apesar desse medo. Coragem é, mesmo quando tudo dentro de você queira parar, você escolher dar mais um passo. Não é sobre não sentir o peso, mas saber carregar esse peso com a certeza de que um dia ele será transformado em força. (Mãe Antifrágil, p.115)

¹ Instituto Noos, São Paulo, SP, Brasil

Esse parágrafo pode ser considerado um resumo do livro de autoria de Rita Kuester “Mãe Antifrágil: como a maternidade atípica me transformou em uma líder de alta performance”.

Mãe atípica de 3 filhos autistas em uma época que os conhecimentos sobre a neurodivergência estava, em suas palavras, a anos-luz do que sabemos atualmente, relata que só foi indicada a consulta a uma neuropediatra quando seu terceiro filho era bebê, o segundo tinha dois anos e, o primeiro, sete.

Durante a gravidez do terceiro filho, o segundo, que às vezes ficava ausente, com o olhar perdido, passou a não segurar o leite na boca, que escorria para fora enquanto mamava. A pediatra procurava tranquilizá-la, dizendo que era uma reação típica de ciúmes pela iminente chegada de um novo bebê na família.

Mas o quadro piorou quando ela ouviu um barulho vindo do quarto onde ele estava e, horrorizada, encontrou-o batendo a cabeça na parede com força como se não sentisse nada e, quando o segurou no colo, começou a gritar e a mordê-la. A partir desse dia, os gritos e a autoagressão passaram a ser diários, exigindo 24 horas de vigilância. Ao mesmo tempo, o mais velho começava a ter dificuldades nas interações sociais.

Com desespero e angústia, a chegada do novo bebê amplia a preocupação e incertezas. Como se dedicar 100% aos dois sem esquecer do mais velho? A privação de sono passou a ser a norma em sua vida. Tinha deixado seu trabalho e aberto uma loja, mas, sem poder cuidar dela apesar da ajuda de seus pais, as vendas caíram e foi necessário fechar o negócio.

Na primeira consulta com o bebê ao pediatra, levou os três filhos e relatou tudo o que estava acontecendo em casa. Ele indicou uma consulta a uma neuropediatra, que fez uma anamnese completa. Foi uma conversa intensa, na qual a cada palavra Rita sentia o olhar da médica pesar mais sobre os meninos. Quando concluiu os exames, ela falou com uma franqueza que Rita sentiu como um soco no estômago:

Olha, mãe, vou ser muito direta com você. Seu filho mais velho é Asperger (hoje autista de nível de suporte 1), o do meio é um autista clássico (hoje, nível de suporte 3) e o seu bebê... Ele será o pior de todos. (p.41)

Enquanto entrava em estado de choque, Rita ainda ouviu a médica com olhar frio e voz firme dizendo:

Seus filhos nunca serão capazes de demonstrar amor, de ter uma vida normal ou de serem independentes. Você deve se preparar para uma vida de limitações. (p.42)

Com tristeza, mas principalmente indignação, com uma firmeza que nunca tinha ouvido em sua voz, disse:

Filho, levanta, vamos embora (p.42).

E, diante da surpresa da médica, que perguntava para onde ela ia, respondeu:

Eu vou embora. Você não tem o direito de determinar o que meus filhos serão no futuro. Pode me informar sobre as dificuldades que eles enfrentam hoje, mas não tem o direito de limitar o que eles poderão conquistar. Você não vai definir a nossa história. (p.42)

Nas cento e poucas páginas seguintes do livro, Rita descreve sua batalha incansável, que começou pela busca de conhecimento. Além das poucas obras em português, pediu ajuda a quem conhecia inglês e alemão, lendo tudo o que existia sobre o autismo.

Da incerteza inicial do primeiro estágio à negação, a realidade se impõe e o luto surge dolorosamente pela morte dos sonhos que criamos para nossos filhos. O futuro imaginado agora parece perdido.

Rita nos conta que, como pilar e força motriz que mantinha a família unida, não se permitia chorar e lamentar – só seguia em frente. Enfrentou situações que, para muitos, seriam impossíveis como se fossem apenas uma pedra no caminho, que ela recolhia e conseguia seguir em frente. Descreve como foi obrigada a desenvolver inteligência emocional e a capacidade de prever e gerenciar as crises.

A autora relata na obra que: *bloquear ou ocultar a profundidade dos desafios enfrentados era uma maneira de sobrevivência [...], mas agora, enquanto escrevo este livro, essas memórias ressurgem, claras e ressignificadas. (p. 55)*

Cuidando dos três, cada um com suas necessidades, viveu a experiência dolorosa de ter que escolher quem priorizar. Descreve as enormes dificuldades de cuidar do segundo filho e uma noite, durante uma crise em que ele às duas da manhã estava deitado no chão, chorando incontrolavelmente, estava sentada ao lado dele, tentando acalmá-lo, e compreendeu que as tempestades que enfrentavam não eram apenas dele, mas dos dois. Estavam aprendendo juntos a navegar por elas.

Como relata neste trecho: *aquela noite foi um ponto de virada. Aprendi que minha força vinha não de tentar controlar a situação, mas de aprender a fluir com o caos, confiar que, com paciência, as respostas surgiriam. E, mais importante, percebi que cada crise era oportunidade de me reinventar. (p.79)*

Daí em diante, acompanhamos seu caminho de usar as lições da vida pessoal para se destacar como uma profissional que sabia como transformar o caos em estratégia.

Rita escolhe o mito da Fênix, símbolo do renascimento e transformação. Descreve quantas vezes morreu, apenas para renascer mais forte, mais sábia e mais resiliente. Primeiro morreu a menina que sonhou com um futuro brilhante e nasceu a mulher cheia de planos de conquistar seu espaço no mundo. Chegou a maternidade e morreu a mulher que pensava que sabia tudo sobre ser mãe; nasceu a mãe atípica, pronta para enfrentar os desafios que o autismo dos filhos trouxe.

Sua mensagem, sem idealizações, mostra às mães atípicas que sua força vinha de não tentar controlar cada situação, mas de aprender a fluir com o caos, confiar que, com paciência, as respostas surgiriam e o que considera mais importante: cada crise era uma oportunidade de se reinventar.

Apresenta a nós o processo de chegar à conclusão de que a maternidade atípica não é um fardo, é uma força. Um convite a outras mães atípicas e uma lição para

nós, que não passamos por esse processo, não nos vitimizarmos com os percalços de nossas vidas. Termina o livro com a frase:

Ao fechar este livro, lembre-se: a vida é uma jornada que merece ser vivida com intensidade, e você é a protagonista desta incrível aventura. (p. 156)

E eu termino: o livro é um depoimento que nos permite muitas reflexões. O que significa ser protagonista? Saber que, mesmo nas situações mais difíceis, por mínimas que sejam, há sempre a possibilidade de fazer algumas escolhas, pelo menos de escolher que tipo de ajuda vamos buscar, que conhecimentos queremos obter e saber que os aprendizados de cada dia são um verdadeiro curso que nos capacita para tarefas antes inimagináveis.

REFERÊNCIAS

Kuester, R. (2024). Mãe antifrágil: Como a maternidade atípica me transformou em uma líder de alta performance. RITA KUESTER: Cotia, SP.

HELENA MAFFEI CRUZ

Socióloga e psicóloga, terapeuta de adultos, crianças, famílias e casais. Editora associada da revista Nova Perspectiva Sistêmica.

E-mail: helenamcruz@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-0073-3197>